

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Karol Colby de Mattos

Ascensão da Extrema Direita na América Latina e seu impacto nas políticas de saúde do Governo Bolsonaro em
2020

Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Internacionais

São Paulo

2023

Karol Colby de Mattos

Ascensão da Extrema Direita na América Latina e seu impacto nas políticas de saúde do Governo Bolsonaro em
2020

Trabalho apresentado à banca examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título
de Bacharel em Relações Internacionais sob a
orientação da profa. dra Priscila Villela

São Paulo

2023

RESUMO

Mattos, Colby de Karol. **Ascensão da Extrema Direita na América Latina e seu impacto nas políticas de saúde do Governo Bolsonaro em 2020**

O presente trabalho aborda a crescente onda de movimentos e partidos da extrema direita no mundo, com foco na América Latina e no Brasil. Os estudos existentes a respeito da extrema direita revelam uma lacuna significativa nas particularidades latino-americanas. Além de analisar as questões que separam o Norte do Sul Global nesse quesito, o trabalho tem como intenção comparar quais as especificidades da região da América Latina encontradas por diferentes autores quando se analisa os movimentos e os partidos de extrema direita. O objetivo do trabalho é mapear essas características e usar como caso a pandemia da COVID-19 no Brasil e o tratamento do governo de Jair Bolsonaro para questionar quais as consequências e a aplicabilidade das características encontradas. A quantidade das análises detalhadas existentes sobre a extrema direita latino-americana muitas vezes ainda é pautada sob a mesma ótica e perspectivas de casos do Norte Global, limitando sua verdadeira compreensão das dimensões da região. Levando em conta a rápida ascensão desses movimentos e sua atual característica transacional, torna-se imprescindível incorporar os novos conceitos para que se possa analisar de fato o Sul Global. Autores mostram que os casos crescentes no Brasil não revelam necessariamente uma mudança de valores, nem simplesmente um descontentamento generalizado com antigos governos, mas sim uma ligação intrínseca a fatores históricos, políticos e econômicos da região, exemplificados pelo caso de Jair Bolsonaro durante 2020.

Palavras-chave Extrema Direita, América Latina, Jair Bolsonaro, Pandemia.

ABSTRACT

The present paper addresses the growing wave of movements and political parties of the far right worldwide, with a focus on Latin America and Brazil. Existing studies on the far right reveal a significant gap in understanding the Latin American particularities. In addition to analyzing the issues that distinguish the Global North from the Global South, this paper aims to compare the Latin American region as identified by different authors when examining far-right movements and parties. The objective of the work is to map these characteristics and use the COVID-19 pandemic in Brazil and the government's treatment under Jair Bolsonaro to question the consequences and applicability of the identified characteristics. The quantity of detailed analyses on Latin American far-right still relies on the same perspective and outlook as cases from the Global North, limiting the true understanding of the dimensions of the region. Considering the rapid rise of these movements and their current transnational nature, it becomes essential to incorporate new concepts to genuinely analyze the Global South. Authors argue that the increasing cases in Brazil do not necessarily indicate a shift in values or simply dissatisfaction with previous governments, but rather an intrinsic connection to historical, political, and economic factors of the region, like in the case of Jair Bolsonaro during 2020.

Key-Words Extreme Right, Latin America, Jair Bolsonaro, Pandemic

SUMÁRIO

| | | |
|----|--|-----------|
| 1. | INTRODUÇÃO..... | 1 |
| 2. | CLASSIFICAÇÕES E MOTIVAÇÕES: A EXTREMA DIREITA LATINO-AMERICANA | 3 |
| 3. | NEOLIBERALISMO E ULTRACONSERVADORISMO | 9 |
| 4. | DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA: A ULTRADIREITA TRADICIONAL E AS ESPECIFICIDADES LATINO-AMERICANAS | 11 |
| 5. | EXTREMA DIREITA DE BOLSONARO NO BRASIL E A PANDEMIA DE COVID-19. | 19 |
| 6. | CONCLUSÕES..... | 24 |
| | BIBLIOGRAFIA: | 26 |

1. INTRODUÇÃO

Os estudos a respeito da extrema direita são extensos e revelam principalmente questionamentos que permeiam suas maiores motivações e causas, bem como sua maneira de ação que assume um caráter cada vez mais transnacional. Dentre essas pesquisas, existe um consenso no reconhecimento de que a ascensão, não apenas de partidos de extrema direita, mas também de movimentos ultradireitistas, vive um atual fortalecimento. Ainda, as análises a respeito dos impactos desses movimentos revelam quase de forma unânime, repercussões negativas em aspectos de bem-estar-social por parte do Estado, com inegáveis consequências ainda maiores em grupos minoritários.

Autores como Bobbio (2003) e Mudde (2007) foram pioneiros em trazer extensas análises a respeito dos conceitos políticos e especificidades da extrema direita, para que assim, posteriormente se analisasse as ações de movimentos mais contemporâneos. No entanto, suas perspectivas fundamentadas quase totalmente em pautas intrínsecas da hegemonia do Norte Global, deixam análises atuais desses movimentos que hoje ocorrem globalmente, ausente de detalhes importantes. Ainda, a transnacionalidade desses movimentos e sua rápida propagação, bem como atualizações nas definições com base em novos conceitos é algo que deve ser incorporado em novas análises para realmente compreender essa ascensão.

A literatura a respeito dos motivos por trás dessa ascensão é extensa, todavia, controversa. Além disso, tendo em vista que grande parte dela é produzida em locais e com óticas limitadas, ela perpetua perspectivas distorcidas (SAID, 1978). Dessa forma, as análises também se restringem a promover inúmeras discussões, mas pautadas em casos inevitavelmente entrelaçados pelo mesmo conceito político e socioeconômico. Por muito tempo, as democracias do Sul Global e latino-americanas eram analisadas como inevitavelmente suscetíveis a conflitos derivados de suas intrínsecas “formas de agir”. O afastamento e negligência no reconhecimento das especificidades latino-americanas simplificava o debate, tornando-o quase irrisório. No entanto, recentemente, cada vez mais autores tem levado em conta a história colonialista, a implementação neoliberal e a desigualdade e submissão em relação ao Sistema Internacional que o Sul Global é sujeito. Dessa forma, torna-se cada vez mais claro de analisar não apenas as consequências desastrosas desses fatores adicionais, mas também como eles funcionam no impacto e desenvolvimento de movimentos extremistas de direita nesses países.

No Brasil, a eleição de Jair Bolsonaro em 2018 trouxe à tona a discussão e levantou novos questionamentos, trazendo também outras características específicas, que anterior à sua

chegada ao poder não ocupavam tanto as análises desse cenário. O interesse por esse tema também me foi despertado nessa época, visto que a indignação de parte da população não impediu a perpetuação de consequências desastrosas. Hoje, se observa uma maior produção acadêmica a respeito do tema e um tratamento mais específico nas abordagens do Sul Global, com uma tendência de análises minuciosas desses aspectos, concomitante com o crescimento dessa ideologia. Pinheiro-Machado (2023) , em particular, é uma das autoras que se dedica no estudo da direita radical no Sul Global, mas, ainda que não a trate como homogênea, não preenche totalmente as lacunas nos estudos da ascensão dessa ideologia na América Latina e no Brasil. Enquanto grande parte dos autores como Rydgren (2018), Mudde (2017) e Albertazzi e Bonasinga (2023) frequentemente aborda temáticas como líderes populistas e ataques às minorias, poucos são os casos onde se questiona as diferenças de movimentação quando os atores da extrema direita são também uma minoria frente ao Sistema. Em um contexto de países com democracias jovens e nem sempre estáveis, as teorias clássicas se mostram com aplicações e análises limitadas, e devem ser repensadas.

Recentemente, artigos tem analisado e entrado em consenso em críticas dirigidas ao tratamento de Jair Bolsonaro durante a pandemia de 2020_(SILVA, 2020) (SANAHUJA E BURIAN, 2020) (ROSARIO, 2020) (CASARÕES E MAGALHÃES, 2021). Contudo, nem todos se aventuram a desvelar diferentes motivações por trás do movimento que o elegeu, com frequência atribuindo essa questão com insatisfações populares e vontades naturais dos brasileiros. As omissões acerca dos fatores sistemáticos e das origens neoliberais das recentes democracias latino-americanas criam compreensões inadequadas.

Dessa forma, por meio de revisões bibliográficas e um estudo de caso, o presente trabalho tem como intenção mapear os aspectos específicos do Sul Global, com mais ênfase na América Latina e questionar os impactos desse movimento no caso da pandemia de COVID-19 e o tratamento do presidente do Brasil a época.

2. CLASSIFICAÇÕES E MOTIVAÇÕES: A EXTREMA DIREITA LATINO-AMERICANA

A América Latina foi o berço e laboratório do neoliberalismo. (KLEIN, 2008). Seu estabelecimento é notório por ser “em relação ao outro”. O Brasil, Argentina e Chile, em particular, serviram como locais onde as ideias neoliberais foram aplicadas em larga escala e com rápida adoção dos países vizinhos. Atualmente as políticas ainda repercutem com impactos profundos, mas operam quase de forma intrínseca. Dessa forma, pautas conservadoras consonantes com o neoliberalismo, também se manifestam de forma ainda mais forte na América Latina.

Ainda que a conjunta ascensão de governos à esquerda na América Latina com início nos anos 1990 tenha sido foco de estudo por muitos autores e designada como “onda rosa”, os crescentes governos direitistas ao redor do mundo também afetaram a América Latina. No entanto, poucas leituras levam em conta fatores específicos da região para se debruçarem a respeito de suas motivações, e forma de operação.

A virada do século XXI trouxe uma nova onda da ascensão da extrema direita, que quando em comparação às anteriores, é mais forte, consolidada e age de maneira transnacional, graças às novas fontes de comunicações digital. Empoli, por exemplo, descreve a política das redes sociais como “uma máquina temível que se nutre de raiva e tem como único princípio o engajamento de seus partidários. O importante é alimentá-la com conteúdos quentes.” Ainda que Albertazzi note que atualmente as estratégias têm cunho populista e nem sempre se limitam a propagação de ódio, cada vez mais os movimentos ultradireitistas se entrelaçam de forma complexas e sofisticadas. (ALBERTAZZI, 2023). Nesse contexto, não apenas líderes políticos, mas também partes dos movimentos, ganham vozes de forma facilitada e vozes para além de territórios geográficos, com algoritmos que se retroalimentam do consumo desses conteúdos.

Para compreender os motivos desses recorrentes fluxos, é necessário categorizar o que é a extrema direita, as diferenças políticas entre esquerda e direita e como ela atua. Wiebke Weber (2012), afirma que as denominações binárias são formas de se identificar e possibilitam criar atalhos nas escolhas e decisões de posicionamento. Ainda, no discurso popular, separar a esquerda e direita facilita a comunicação e orientação no mundo político. No entanto, as designações se tornaram desgastantes, confusas e excludentes com o tempo, visto que variam com frequência e são adotadas em locais impertinentes. (WEBER, 2012)

A princípio, a concepção da ideia de direita-esquerda deu-se há mais de 200 anos, na Assembleia Nacional Francesa, onde, sentados à direita se encontravam aqueles leais ao rei e

seu regime, enquanto aqueles à esquerda eram radicais, abolicionistas da monarquia. (AMYUNI, 2023)

Atualmente, Weber (2012) entende que as identidades políticas se moldam individualmente a partir de como as pessoas gerenciam incertezas e ansiedades. Em seu estudo, a autora identificou que aqueles que se colocavam à esquerda davam valor a mudança e equidade, enquanto os que se colocam a direita resistiam às mudanças, mas valorizavam estrutura.

No entanto, Weber considerou que esses resultados não auxiliaram no entendimento dos encaixes no espectro político, visto que os valores nos quais cada um se encaixava, estão condicionados ao interesse das pessoas na política e dependem também da polarização ideológica dos partidos, que variam de acordo com localizações geográficas.

Bobbio por outro lado, compreende a esquerda e a direita como termos “reciprocamente excludentes e conjuntamente exaustivos” visto que doutrinas se tornam binárias e conseqüentemente excludentes do “outro lado” e ao mesmo tempo exaustivas, no sentido de que [...] uma doutrina ou um movimento podem ser apenas ou de direita ou de esquerda. (AMYUNI, 2023)

Dessa forma, cria-se o entendimento de que ainda que os termos sejam importantes na designação política, variam tanto geograficamente quanto com o passar do tempo e ainda, apenas existem por serem dependentes um do outro. Ou seja, a construção da direita é relativa à esquerda e vice-versa. (AMYUNI, 2023)

No entanto, se destaca que o papel estritamente econômico de designação da esquerda-direita atualmente é limitante. Principalmente, visto que cada vez mais se moldam as identidades com novas pautas sociais com o intuito de explorar e criar bases leais aos movimentos.

De certo, o que se encontra como convergente na literatura, é o fato de que existe uma rápida ascensão de partidos e movimentos ultraconservadores e antidemocráticos, que em comparação com outras ondas anteriores, se mostra mais forte. Ainda, é inegável que na última década o giro à direita se tornou expressivo em diversos países, e de forma semelhante, a literatura voltou a destrinchar os motivos pelos quais esses governos cresceram.

Porém, muitas vezes esse movimento é analisado por uma ótica limitada apenas à ascensão de partidos desse espectro e governos em atuação, quando na realidade deve também se levar em conta a relevância de outros atores, principalmente movimentos sociais (RYDGREN, 2018). Dessa forma, entende-se que ainda que a atuação desses partidos e movimentos se retroalimentam e trabalham em conjunto para aumentar a presença de uma

ideologia específica, existem distinções entre a “far right” e a extrema direita. Enquanto a primeira diz respeito a movimentos ou partidos políticos que se localizam na ala conservadora do espectro político, seu apelo ainda é direcionado a uma base de eleitores. Por outro lado, a extrema direita é muitas vezes usada para designar grupos ou ideologias mais radicais e extremistas, que existem muitas vezes fora da base de discursos políticos aceitáveis, como supremacia branca, xenofobia ou até terrorismo (RYDGREN, 2018).

Porém, assim como nota Mudde (2019), existe uma tendência das duas designações se sobreporem, visto que o que difere essa nova onda das outras, é a forma como a extrema direita não é mais “considerada um terreno proibido para a política (...) como havia sido”, com “os limites entre direita radical e direita tradicional confusos e mais difíceis de estabelecer”.

Em um contexto histórico, autores como Mudde e Mouffe, destacam o final da Segunda Guerra e início da Guerra Fria como algumas tentativas de tentar conter a ascensão do fascismo e superar o passado próximo. Ainda que existam algumas discordâncias, Klaus von Beyme criou um modelo com as quatro ondas de extrema direita na Europa: Neofascismo (1945-1955), Populismo de Direita (1955-1980), Direita radical (1980 a 2000) e a Quarta onda (2000-).

A primeira onda, ainda com um pequeno e leal grupo neofascista era menor, visto que a extrema direita se encontrava rejeitada no pós-guerra. Com alguns partidos banidos, fora da Europa principalmente, existiam grupos que buscavam se articularem internacionalmente. As duas próximas ondas viram alguns novos partidos emergirem ao redor do globo com forças voltadas contra a imigração em massa e o desemprego. Posteriormente nos anos 80 e a queda do comunismo, ainda mais partidos que pregavam combinações de nativismo, autoritarismo e populismo surgiram. Na virada do século, o “populismo radical havia se tornado a ideologia dominante da extrema direita europeia”. Finalmente pós anos 2000, se estabelece a quarta onda, com ideais semelhantes às anteriores, mas fortalecidos pelo combate ao terrorismo e recessão econômica de 2008. Esse radicalismo de direita passou por um ressurgimento principalmente após os anos 1970, com um aumento não apenas de “partidos, movimentos e atores da direita radical, mas também de efetividade e força com que esse espectro disputa espaço, adesão e poder, seja no cenário político-eleitoral, seja na internet, nos meios de comunicação ou nas ruas.” (DIBAI, 2020)

Assim, com uma força inigualável aos movimentos anteriores e uma propagação de extrema facilidade, a ultradireita intimida a democracia e se estabelece como uma crescente preocupação na estabilidade de cada nação e do Sistema Internacional. Os motivos dessa crescente onda divergem entre autores, mas o fato de que suas consequências podem ser avassaladoras é comum em quase toda literatura.

Grande parte dos autores que discutem sobre as direitas radicais, analisam sua ascensão por uma ótica europeia e norte-americana, comparando os movimentos entre países e ressaltando suas características em comum. Dentre elas, algumas são quase um consenso entre eles. A questão migratória, descontentamento econômico e líderes populistas são alguns dos fatores que se repetem. No entanto, essa ótica se limita aos países do norte global, e ainda enxerga uma demanda popular nessa crescente onda. (PINHEIRO-MACHADO, 2023).

Na contramão dessas análises, as direitas radicais latino-americanas têm características que trazem desde o próprio estabelecimento de suas democracias. Uma das principais citadas por Pinheiro-Machado é o sentimento nostálgico das ditaduras militares. Outra especificidade notada por muitos autores é a religião e seu envolvimento quase natural com a política. Mas, sobretudo, o que muitas questões que envolvem especificidades latino-americanas se resumem, é que muitos desses fatores sejam consequências de uma neoliberalização massiva, que não se limita a impactar a política, mas que criam características específicas da região, impactando no seu funcionamento e escolhas políticas.

Sanahuja e López Burian_(2020) também destacam como o relacionamento latino-americano com governos militares molda a nova direita nas regiões latino-americanas. Como consequência esse saudosismo ditatorial traz uma aproximação, subordinação e uma naturalidade na policização das forças armadas nos países latino-americanos. Rut Diamint também apresenta como, na América Latina a militarização da segurança pública traz comprometimentos ao Estado e, simultaneamente não resolve os problemas de segurança (DIAMINT,2018).

Para além, a América Latina não lida apenas com a subordinação de forças nacionais, mas também a própria ordem internacional. Ibarra nota,

“Nas realidades latino-americanas, a subordinação acrítica à nova ordem internacional priva os cidadãos da liberdade republicana de decidirem seus fins coletivos e aos Estados-Nação de usarem sua soberania plenamente. (...) Tais fatos concentram privilégios e rendas, excluem a voz das maiorias nas decisões e forçam a transformação conservadora do próprio Estado, ao colocá-lo mais e mais a serviço de objetivos elitistas, próprios ou forâneos. Formalmente, nossos países são democráticos, mas com uma democracia sem opções reais significativas.” (IBARRA)

Essas questões nem sempre são levadas em conta quando se discute a respeito dos movimentos ultradireitistas na América Latina, ou pelo menos não são um objeto de análise na

formação de movimentos ideológicos da extrema direita ainda que se destacam como divergentes do funcionamento “comum” quase sempre analisado.

Ziblatt e Levitsky analisam como as políticas radicais têm crescido e se distanciado daquilo que se entende nas separações econômicas entre o espectro político, o que a levou a gerar novos métodos e explorar novas pautas para a criação de uma base eleitoral fiel. A criação de uma ameaça externa, guerra ao terror e a imigração são apenas alguns dos fatores explorados por esses movimentos. Dessa forma, acusar imigrantes por economias em declínio, explorar o nacionalismo para rejeitar a globalização, criar inimigos externos e usar as instituições democráticas para minar a democracia são pontos em comum que são ameaçados e que facilitam a instauração de governos autoritários. (ZIBLATT E LEVITSKY, 2018).

Ou seja, existe um movimento nas margens da política, que ao mesmo tempo é vinculado à política tradicional, onde figuras populistas anti-establishment fazem bom uso de questões sociais-econômicas para criar discursos apelativos e surgirem com soluções milagrosas. No entanto, em relação aos motivos para esse crescimento, Ziblatt e Levitsky (2018) alertam que a ascensão de governos de extrema direita é uma das consequências do enfraquecimento das democracias, rejeição das normas democráticas, manipulação eleitoral, polarização extrema, e hostilidade em relação a imprensa livre. Os autores compreendem que nesse contexto, não apenas a população civil, mas também os partidos e as instituições têm o dever de servirem como “guardiões” e evitar que discursos extremistas cheguem à popularidade.

De maneira semelhante, Badillo e Pérez (2019), afirmam que a instabilidade democrática abre espaço a governos autoritários. Os autores medem o apoio ao sistema e tolerância à oposição com duas variáveis que, quando em níveis baixos, criam condições propícias para a emergência do autoritarismo. Dessa forma, segundo eles, “uma democracia será estável e com poucos riscos de ser deteriorada em uma sociedade altamente tolerante e com cidadãos que apoiam o sistema”. (GUERRA E SARMIENTO, 2021).

Assim, ambas leituras não compreendem a esquerda e a direita como movimentos pendulares que se baseiam em valores, mas sim em um descontentamento generalizado frente ao sistema (GUERRA E SARMIENTO, 2021). No entanto, Badillo e Pérez e Ziblatt e Levitsky discordam a respeito do papel da tolerância a oposição. Enquanto os primeiros afirmam que o nível de tolerância é equivalente a estabilidade da democracia, os autores de “Como As Democracias Morrem” consideram que a vigilância cívica e dos próprios partidos é crucial na manutenção da democracia.

Em suma, existe uma tendência na literatura no que diz respeito a observação do crescimento da extrema direita, mas ao mesmo tempo as óticas se limitam a alguns conceitos

que nem sempre se aplicam as análises fora do Norte Global. Enquanto muitos autores discutem a respeito das motivações da ascensão da extrema direita, existe um desfalque na literatura em características específicas de sua operacionalização em locais específicos do Sul Global, e que levam em conta a heterogeneidade e especificidades de cada país fora do Norte. Considerando que as tendências de transnacionalização desse movimento são crescentes, torna-se imprescindível que as análises específicas e boas também sejam.

3. NEOLIBERALISMO E ULTRACONSERVADORISMO

Ainda que o ultraconservadorismo se mostre em crescimento e suas causas são objeto de discussão entre autores, é imprescindível destacar que a ascensão das ideologias de extrema direita não é impulsionada exclusivamente pela identificação ideológica massiva, mas também tem um peso considerável, pois se alinham estreitamente com o neoliberalismo. Essa relação cria um círculo vicioso em que políticos e grupos de extrema direita, muitas vezes financiados por grandes corporações, promovem políticas que favorecem esses interesses econômicos, criando um sistema que beneficia aqueles que já estão no topo da hierarquia econômica. O neoliberalismo e o ultraconservadorismo não apenas coexistem, mas também reforçam um ao outro, justamente pela ideologia conservadora ser lucrativa para as classes mais altas.

Nesse contexto, e levando em conta cenários de crise, (que são recorrentes no Sul Global) as respostas do capitalismo neoliberal são ainda mais intensas e andam correlatas. Coutinho, (2010) ressalta que o capital opera em uma lógica irracional em tempos de crise, atuando de maneira exclusiva a conservar o capitalismo. Dessa forma, o Estado tende a adotar medidas mais repressivas e irracionais para preservar seus interesses, incluindo políticas neoliberais de austeridade que comprometam princípios democráticos, enquanto os direitos humanos são negligenciados em prol da estabilidade do sistema. Nessa intenção de conservar a sociedade capitalista, a democracia e quaisquer outras questões julgadas supérfluas para a conservação do capitalismo se tornam desnecessárias.

“Nas organizações políticas empresariais, o Estado de Bem-Estar Social era visto como principal causador do déficit e do estagflação, resultado da inflação somada à estagnação econômica. Os neoconservadores entendiam que a estagflação limitava a iniciativa privada, o emprego e o desenvolvimento da criatividade enquanto os programas sociais aumentavam a dependência das pessoas em relação aos programas sociais, sobretudo desempregados e negros. Como consequência última, a estagflação e os programas sociais, para os neoconservadores, diminuía a liberdade individual e reforçava o autoritarismo do governo federal” (NETO, 2011).

Essas questões encaixam perfeitamente em perspectivas conservadoras, visto que nesse cenário o bem-estar social é deslocado completamente a dever do indivíduo, e um Estado que garante o bem-estar de seus cidadãos, é posto como o responsável por inflação, altos gastos e demandas monetárias (MARTINS, 2022). “Nesse contexto, a defesa da família “tradicional”

heteropatriarcal é extremamente útil para as classes dominantes, posto que ela alivia o Estado de responsabilidades e é facilmente “vendida” como um ideal conservador.” (MARTINS, 2022).

No Brasil, o ex-presidente Bolsonaro concretizava esses ideais até mesmo antes de se eleger. Seus discursos como candidato voltavam-se constantemente à moral e “bons costumes” e principalmente na valorização da família. Mas, contraditoriamente, seus ataques, privatizações e sucateamento dirigiam-se à educação, saúde e âmbitos essenciais que qualquer família qualificaria como necessário. Logo, conclui-se que a ultra valorização da família é uma pauta que além de ir em convergência ao aspecto conservador moral e religioso, também se encaixa na conservação do Estado mínimo neoliberal, e não na verdadeira sustentação da família.

Além disso, ainda que para uma parcela dos eleitores de Bolsonaro sua identificação era ideológica e muitos autores reconhecem que a chegada do ex-presidente ao poder se concretizou por uma insatisfação generalizada, outros motivos indiretos contribuíram para a escolha de Jair Bolsonaro em 2018. O conservadorismo das elites econômicas não estava sendo atendido e ainda que “esse aglomerado de ideias e ideologias neoconservadoras e neoliberais, contribuíram para a emergência do movimento bolsonarista” a verdadeira mudança apenas ocorreu quando a burguesia se insatisfez com todas essas questões econômicas. (MARTINS 2022),

4. DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA: A ULTRADIREITA TRADICIONAL E AS ESPECIFICIDADES LATINO-AMERICANAS

Enquanto alguns autores analisam a América Latina, porém aplicando os mesmos conceitos do Norte Global, outros trazem nuances para quebrar com essa homogeneidade. Rosana Pinheiro Machado (2023), Sanahuja e Burian (2020) Ibarra (2011), e Casarões e Magalhães (2021) são alguns dos destaques de referências no tema. Pinheiro Machado, por exemplo, ainda que faça análises mais amplas do Sul Global, destaca que a intensidade e escala desses movimentos nesses locais são diferentes. Ainda, a autora dedica algumas análises específicas à América Latina e destaca como relevante, principalmente seu histórico com ditaduras militares e a influência (em especial no Brasil) da religião na política.

Por outro lado, Sanahuja e Burian (2020) que também se dedicam as análises latino-americanas, fazem uso de novos termos como a direita “neo-patriota” para justificar a criação de uma identidade baseada na negação do “outro” nesses locais. O que ambos os autores destacam como específico é justamente o crescimento desses movimentos em um cenário de crise da hegemonia e crise da globalização, que, para eles, incentiva novos grupos a emergirem (SANAHUJA, BURIAN, 2020). Casarões também traz atualizações às análises, focando principalmente no Brasil e nas ferramentas usadas pelos movimentos de direita, trazendo o populismo como um dos principais fatores de destaque. Por fim, ainda que não analise especificamente a ultradireita, Ibarra faz diversas publicações a respeito da América Latina e vincula questões semelhantes à suas raízes neoliberais.

Como consequente, alguns autores buscam explicar esses movimentos ascendentes como um fenômeno local, ligados a fatores e demandas populares, enquanto outras literaturas compreendem a ascensão como um fenômeno global ligado à oferta, com análises mais transnacionais. Enquanto a demanda se relacionaria mais às condições sociais, econômicas e políticas de cada país, a oferta diz respeito a atuação de organizações e líderes de extrema direita, principalmente suas redes interligadas e meios de comunicação muito mais comuns da era digital. (RYDGREN, 2018).

Porém, quando aplicamos as mesmas análises ao Brasil, à América Latina ou ao Sul Global, torna-se distante da realidade encontrada nesses locais. Pinheiro-Machado (2023) entende que os aspectos são variáveis entre países, ainda que a experiência euro-americana e a do Sul Global se ligam entre si. Assim, criam-se outras análises para argumentar os motivos da ascensão da extrema direita no Sul Global, visto que não podem ser explicados os mesmos

modelos teóricos desenvolvidos com base na experiência Euramericana. (PINHEIRO-MACHADO, 2023)

Outro fator importante já mencionado quando se leva em conta a América Latina, mas que reverbera consequências até hoje é a instauração neoliberal. Com promessas de superação da pobreza, a liberalização dos mercados latino-americanos contribuiu para que as nações buscassem constantemente um ideal de desenvolvimento inalcançável, com políticas que iam em desacordo com aquelas promovidas dentro dos países do Norte. Isso se adiciona ao fato de que as democracias ainda relativamente jovens, viram sinônimo de desenvolvimento, mas são homogêneas e limitadas às escolhas eleitorais, legitimando apenas “aqueles que fazem a melhor representação de uma realidade frequentemente imaginada, inexistente, através dos meios massivos de comunicação (...) concretizando os valores supremos das sociedades pós-modernas” (IBARRA, 2011).

Assim, a força de governos e movimentos de extrema direita nesses países ainda que ocorra de forma diferente, não é parte necessariamente de um movimento ascensão, mas sim de uma persistência e continuação de questões já existentes, visto que o Sul passa pelo fortalecimento de valores autoritários. Ainda que inicialmente houvesse um “otimismo com o desmantelamento das ditaduras em locais historicamente desestabilizados”, ele foi logo alcançado pelas recessões econômicas que deram espaço para os partidos populistas de direita ganharem espaço e influência. (PINHEIRO-MACHADO, 2023).

Ainda assim, o Sul Global não é uma entidade homogênea, mas sim uma região diversa e plural. Portanto, o surgimento da extrema direita e sua resistência acontecem em diferentes ritmos e intensidades. Em comparação com os movimentos do Norte, a crise migratória se transforma em inimigos internos racializados, se adicionam novas recessões econômicas, o legado de ditaduras e violência policial, nuances do nacionalismo e conservadorismo religioso especialmente no Brasil e na Índia por exemplo, que fazem uso da retórica para mobilizar massas e moldar agendas políticas. Além disso, o nacionalismo do Sul Global também tem suas próprias especificidades, visto que não tendo condições de arcar com o isolacionismo, ele foca em “temas culturais e reconhecimento global, que vai em contrapartida no etnonacionalismo do Norte”. (PINHEIRO-MACHADO, 2023).

Ainda, mais especificamente no Brasil, novas quebras de paradigmas foram estabelecidas até mesmo na análise do autoritarismo em relação ao Sul Global. No país, “a população se encontra em um cenário ambivalente” onde convivem com atitudes democráticas e autoritárias” (MOISÉS, 2008). De acordo com Guerra e Sarmiento (2021), os brasileiros estão em constante declínio no apoio ao sistema político e rejeitam profundamente os partidos

tradicionais, portanto o que explicaria a ascensão de governos de extrema direita brasileiros, não é uma mudança de valores nos eleitores, mas sim uma resposta contra o sistema e um descontentamento generalizado com instituições e partidos políticos. Ainda que Badillo e Pérez não tenham desenvolvido a relação entre as variáveis especificamente para analisar governos de “far-right”, como notado pelos próprios autores, o nível mais alto de apoio ao sistema no Brasil segundo pesquisa do Latino Barômetro foi durante um de seus governos que mais chegou perto da extrema direita (TSAVKKO 2018). Além disso, como um dos países da América Latina com índices mais altos em relação a tolerância à oposição, novamente se questiona como as variáveis se aplicam no cenário brasileiro.

Porém, ainda que as especificidades do Brasil se destacam entre outros países latino-americanos, o mesmo estudo nota que o país nunca ficou acima da média regional nos índices de apoio ao sistema, mas no ano da eleição de Bolsonaro, houve uma mudança positiva nesses números. Ou seja, existe uma falta de confiança e tolerância ao sistema generalizada no Brasil, mas isso não necessariamente reflete a autoridade dos governos em exercício. Para Badillo e Pérez, o apoio à democracia no país é frágil, visto que os cidadãos se colocam nessa posição ambivalente, tornando ainda mais difuso os dados que relacionam as medidas do Latino Barômetro, com a estabilidade democrática do país. Esses estudos compreendem que a oscilação entre partidos de esquerda e direita não refletem a atuação dos governos em si, considerando que “a presença de um partido de esquerda no governo, ainda com escândalos de corrupção e problemas econômicos, não necessariamente leva a eleição da ultradireita” usando a Argentina e Chile como outros dois exemplos.

Em contrapartida, alguns autores recorrentemente usam dos governos anteriores de Bolsonaro e dos valores e demandas da população como uma das maiores justificativas para a eleição de 2018. Betel (2018) y Lidíar (2019), consideram que a eleição de Bolsonaro não seria possível sem um “desencanto da sociedade com o sistema político vigente”. Ainda que existam fatores locais exclusivos de cada país para compreender a ascensão de movimentos ultradireitistas, é imprescindível reconhecer que esse fenômeno não se resume a um local estrito e nem a perspectivas locais, mas sim uma movimentação global com laços que ultrapassam barreiras geográficas.

Na América Latina, as recessões econômicas e insatisfações políticas tem impacto na força da extrema direita, mas ela não é causada exclusivamente por esses motivos. Alguns dos fatores recorrentes que autores como Mudde, Pinheiro-Machado e Bobbio, destacam como relevantes para a extrema direita são o nacionalismo e populismo. No entanto, ainda que Rydgren, (2018) mencione que as principais diferenças entre a extrema direita no Norte e no

Sul Global podem ser medidas pela intensidade, deve-se reconhecer por meio da comparação e análises principalmente dos discursos da ultradireita latino-americana, como existem fatores específicos que divergem totalmente do usual quando analisando a extrema direita e que as diferenças não se dão apenas pela força e tamanho.

Um dos fatores mais destoantes, com peso divergente nos discursos de extrema direita do Sul Global, quando comparados com os do Norte, são a respeito do nacionalismo e migrações. Rydgren, (2018) discute como as principais ideias da extrema direita em democracias liberais enfatizam pontos recorrentes em um contexto de imigrações. A literatura a respeito da ultradireita reconhece que a imigração é um dos temas mais em comum nas pautas, mas também que não se limita apenas à direita extrema, apesar de ter mais ênfase negativa nesse lado do espectro político (Coffé et al., 2007; Bowyer, 2008; van der Brug, 2003; Stockemer, 2015; Sørensen, 2016).

Uma das principais questões nos discursos anti-migratórios é a proteção da identidade nacional, que a população nativa entende estar sob perigo. O imigrante nesse contexto é estereotipado e encaixado como “outro” e se torna uma das maiores ameaças. Os imigrantes são retratados como problemas de acordo com quatro questões, segundo Rydgren, (2018) a ameaça à identidade etnonacional; causas de criminalidade e insegurança social; causas de desemprego; e abusadores de benefícios do Estado de bem-estar social. Essa manobra e discurso político desviam os olhares para outras questões que reproduzem verdadeiros problemas à segurança econômica, e vinculam a culpa principalmente ao estrangeiro.

Andrade Junior afirma que de forma semelhante, no Brasil “há campanhas oficiais do governo federal que buscam dar visibilidade para alguns grupos de migrantes, ao passo que propaga o apagamento de outros”. Ou seja, ainda que exista a construção de um cenário que propaga ideias semelhantes, ela ainda não se tornou central nos discursos de extrema direita latino-americana quando em comparação aos do Norte Global. Pelo próprio princípio, o nacionalismo do Sul Global não tem uma força estritamente etnocêntrica como quando comparado ao Norte. Os discursos divergem também na questão migratória brasileira.

Ainda que a xenofobia continue como uma pauta forte da ultradireita latino-americana, a criação da imagem de um inimigo (essencial para dar sentido aos discursos e ações políticas) se torna mais vinculada a atores internos, os alvos se voltam a indivíduos racializados e marginalizados, criando o sentimento do outro ainda que ele pertença ao mesmo território geográfico. (SANAHUJA, 2020)

No Brasil, em específico, a exclusão se volta sempre a brasileiros marginalizados, mas raramente a imigrantes. Ainda que a pandemia tenha exposto e promovido discursos bastante

xenofóbicos, a pauta migratória nunca teve um peso muito grande nos discursos políticos. Inclusive, por vezes, as questões de aproximação ideológica com o Norte Global se tornam mais importantes do que a preocupação com a imigração, se sobrepondo a posicionamentos “clássicos” anti-migratórios. Um exemplo disso é a abordagem do governo Bolsonaro em relação à Venezuela, que durante uma das maiores crises sanitárias abriu fronteiras com o país para colocar-se ideologicamente contra o governo de Nicolás Maduro e abrigar pedidos de refúgio do país.

Novamente se destaca aquilo que Rydgren, (2018) nota quando compara as direitas extremas no Sul Global. Ainda que tentem se aproximar dos costumes conservadores e ultradireitistas do Norte Global, a própria qualificação como Sul Global os desloca para uma posição de submissa. Pinheiro Machado (2023) propõe o termo “neopatriotas” justamente pelo conflito que o entendimento do nacionalismo do Sul Global gera. O que essas análises apresentam, é que quando se observa a extrema direita no Sul Global e na América Latina, nem sempre pode-se considerar apenas por uma ótica ideológica baseada no Norte, visto que alguns partidos vão em desacordo com o que seria esperado de ultraconservadores.

Para além, Mudde e Pinheiro-Machado se dedicam as análises a respeito do populismo e a direita radical. Ainda com uma ótica e análises majoritariamente do Norte Global, Mudde alerta para a necessidade de reformulação do termo “populismo” e analisa como a “utilização generalizada do termo cria confusão e frustração”. Além de ser um termo em debate, é extremamente vago e usado muitas vezes como acusações vazias a partidos contrários. No entanto, o consenso ao redor do termo é geralmente sobre o “apelo ao povo e denúncia da elite” (MUDDE, 2019).

“o populismo é uma ideologia de baixa densidade (quase sempre combinada com ideologias diferentes) que considera que a sociedade esta dividida entre (...) o povo puro e a elite corrupta, e que defende que a política deveria ser uma expressão da vontade geral do povo”

Mudde também classifica a direita populista radical. Esta, é uma forma de nacionalismo, com grandes diferenças entre a extrema direita, visto que a direita radical ainda que nominalmente democrática e se opõe a alguns valores democráticos, enquanto a extrema direita é intrinsecamente antidemocrática e se opõe ao princípio fundamental de soberania do povo. (MUDDE, 2019).

Para identificar partidos populistas da direita radical, Mudde nota como diversas vezes existem alguns que se encaixam nas identificações, mas não são chamados como tal, e outros

que recebem a identificação de populistas de direita radical, mas não se encaixam nas designações populistas.

Como personificação do populismo, surgem figuras heroicas solidificando ideais cultivados pelos aspectos aqui destacados. “uma característica definidora do populismo é sua dependência de líderes forte, capazes de mobilizar as massas e/ou conduzir os seus partidos com o objetivo de implementar reformas radicais” (MUDDE, 2019).

No entanto, algumas literaturas dirigem críticas sobre como nomear movimentos como “populismo” tende a simplificar sua história e afastar das verdadeiras motivações populares. Pinheiro-Machado (2023) se dedica a analisar a ascensão de líderes populistas autoritários no Sul Global, mais especificamente no Brasil, Índia e Filipinas na segunda década dos anos 2000. A autora afirma que o apoio da nova classe média para esses políticos não é motivado apenas por emoções reacionárias, mas também por “aspirações estimulado pelo ideal empresarial neoliberal”.

Além disso, o foco da autora se dirige a aspectos de economias emergentes, como crescimento econômico, o crescimento de novas classes e altos níveis de precarização de trabalho. Ela também analisa as estratégias utilizadas pelos movimentos e argumenta que eles têm facilidade em explorar as ansiedades e os medos da população, usando principalmente do nacionalismo, o populismo e o discurso de ódio.

Como conclusões, os países BIP tiveram uma ascensão de uma nova classe média aspiracional, ou seja, que cresceu economicamente, mas ainda enfrenta inseguridades econômicas. Essa classe trabalha principalmente com trabalho informal e precarizado, no entanto, as novas formas de “plataformização” de trabalhos precarizados permite transformar antigas formas de informalidade, em novas “aspirações imaginárias empreendedoras de sucesso”, ou seja, em sonhos de superação em um contexto neoliberal. (PINHEIRO MACHADO, 2023). O que se analisa nos países BIP é um movimento não restrito ao Sul Global, onde as essas aspirações da classe trabalhadora precarizada, contribuem para uma tendência dessa mesma classe de se alinhar com discursos antiestablishment de rejeição da elite e consequentemente populistas.

Para além, outro aspecto que é imprescindível para a compreensão da América Latina e o Brasil é o fator religioso. Em distintos aspectos da realidade latino-americana e brasileira, a religião é um elemento constante de destaque entre muitos autores que promovem reflexões a respeito das especificidades desses locais. Em especial ao questionar-se sobre a extrema direita, a relação entre religião e política ganha ainda mais profundidade, ainda que muitas discussões

acadêmicas descartem a religião apenas como uma ferramenta, e não um fator significativo (RYDGREN, 2018).

Partindo do pressuposto de conservadorismo, a religião moldada no discurso político também atende os mesmos interesses do neoliberalismo e da ultradireita. Ela também auxilia a sustentar o modelo patriarcal para naturalizar as explorações do capitalismo neoliberal e por muitas vezes foi usada por políticos para justificar uma diminuição do Estado. (NETO 2011).

“De forma geral, como proposta para preservar a hegemonia global dos EUA, os neocons sugeriram desvincular o papel do Estado do compromisso com o bem-estar dos indivíduos. Logo, os recursos do *Welfare*, inclusive aqueles destinados à educação, poderiam ser transferidos para defesa e segurança, a fim de promover uma nova ofensiva militar contra o comunismo e outras ameaças internacionais e, ao mesmo tempo, viabilizar a expansão de um novo modelo político- econômico-cultural neoconservador. Neto (2011).

Historicamente, a América Latina tem raízes ligadas “à colonização e catequização europeia. Esse processo moldou a identidade dos países e ainda tem uma presença profunda na identidade de grande parte da população latino-americana.” Hoje, ainda se nota a prática extremamente comum de líderes populistas ou não, de usar apelos religiosos em seus discursos. (MARTINS 2022)

No entanto, o significado da religião nesse contexto, é colocado para além da identificação religiosa e da fé individual. Conforme postulado por Pierre Bourdieu, a religião também detém um capital econômico e simbólico. Além de oferecer vínculos, acolhimento e um senso de propósito, na América Latina, a religião adquiriu um capital político notável, frequentemente usado como ferramenta para polarizar e criar conflitos com o "outro".

No entanto, a virada do século XXI testemunhou uma mudança significativa no aspecto religioso. Enquanto mais da metade da América Latina ainda se mantém católica segundo o Latinobarómetro (2022), o Brasil, que costumava ter uma maior porcentagem de católicos, passou a experimentar um crescimento de grupos evangélicos. Como consequência, essa presença também cresceu nos postos políticos e ainda, na escolha de candidatos. A presença de grupos religiosos passou a ser maior justamente em locais que se encontravam abandonados pelo próprio Estado e a dimensão religiosa, foi sequestrada por meio do discurso, preenchendo espaços vazios e atendendo às demandas de enriquecimento pessoal em um mundo marcado pela incerteza, que promove um estilo de vida neoliberal e individualista.

Paralelamente o crescimento do neopentecostalismo extremamente conservador também se alinha com uma compreensão individualista de propósito, meritocrática, de extrema valorização da família e conseqüente negação ao Estado, indo de acordo com discursos neoliberais, que também se retroalimentam. De forma ainda mais grave, ambos ignoram a necessidade de concessões e construções coletivas e o uso da linguagem religiosa neopentecostal também é aplicado para apoiar uma agenda anticorrupção. (PINHEIRO MACHADO, 2023). O surgimento da bancada evangélica no legislativo também significou para o Brasil um peso expressivo nas decisões políticas. Com o equivalente a 20% do congresso composto por deputados evangélicos, as eleições de 2018 também foram dominadas por pautas religiosas. “Bolsonaro utilizava de propaganda conservadora para angariar o voto destes (evangélicos) com discursos pautados no conservadorismo moral), que, novamente, também condizia com vontades para além da religião.

5. EXTREMA DIREITA DE BOLSONARO NO BRASIL E A PANDEMIA DE COVID-19.

Analisar o governo de Jair Bolsonaro é selecionar um recorte temporal e geográfico específico para compreender o funcionamento das questões citadas anteriormente na prática. Ao oferecer esse exemplo concreto do fenômeno na região, se entrelaçam as questões da extrema direita e se discute seu impacto não apenas nas políticas de saúde, mas também no funcionamento dessa ideologia em relação às consequências políticas e seus impactos posteriores nos demais âmbitos socioeconômicos brasileiros.

O governo de Jair Bolsonaro no Brasil, infame por seu tratamento com a pandemia de COVID-19, entre outras questões, é um dos representantes da nova ultradireita latino-americana que opera de forma distinta da clássica observada pelos estudos voltados ao Norte Global, mas também coloca qualquer política em segundo plano ao mesmo tempo em que prioriza uma agenda ultraliberal. A ascensão de Jair Bolsonaro à presidência do Brasil, como previamente discutido, foi motivada por razões divergentes entre as análises. No entanto, é notável que o presidente tenha aderido às características específicas que frequentemente são observadas nas trajetórias e ascensões de líderes ligados à extrema direita. Mas, ainda se nota uma subserviência aos interesses externos, marcante do Sul Global. Bolsonaro, ainda que frequentemente rotulado como populista pela mídia, muitas vezes entrava em contradição com as definições.

“Apesar de seu governo jamais ter abandonado a clássica divisão entre “nós e eles”, Bolsonaro Governa para os seus. Dá as costas aos jornalistas quando uma pergunta é feita e ele não quer responder nem tratar do assunto. Mudou de partido em apenas oito meses de governo. Fundou o seu próprio partido. Rompeu com apoiadores que atuavam como líderes no Congresso. Bolsonaro não dialoga com a diferença, nem parece reconhecer a ausência como uma presença, que no caso, se entenderia, daqueles que não se encontram legitimamente reconhecidos em seu discurso e em seu modo de governar.”

Dessa forma, ainda que em partes represente bem o populismo definido pelos teóricos, por vezes Bolsonaro se alinha a questões ideológicas particulares, predominantemente neoliberais, e a um projeto de governo marcado por características que vão além das teóricas já observadas.

Ao examinar a pandemia de 2020, alguns autores como Parzianello (2021) surgem com novas designações de populismo para compreender as estratégias bolsonarista, enquanto outros

não reconhecem que o governo Bolsonaro entra nessa categoria justamente por “agir de forma inflexível” e com políticas de tratamento distintos a diferentes grupos de interesse.

Existe um consenso entre autores que seu governo não lidou adequadamente com a crise sanitária, resultando em um alto número de mortes evitáveis. A pandemia e a hidroxicloroquina surgem como analogia para alguns autores exemplificando quase todas as questões aqui apresentadas. No artigo “The Hydroxychloroquine Alliance”, se observa como o medicamento supostamente eficaz no tratamento contra a COVID-19 uniu Estadistas ultradireitistas e serviu de motivações políticas muito além da saúde pública, criando uma narrativa de uma falsa dicotomia contrapondo a economia e a saúde. (SILVA, 2020)

No início de 2020, líderes do Norte Global, como Donald Trump defenderam o medicamento como tendo "uma chance real de ser um dos maiores agentes de mudança na história da medicina". Quase imediatamente, Jair Bolsonaro e Benjamin Netanyahu também “começaram a promover a cloroquina localmente e ordenaram que suas próprias autoridades médicas incluíssem o medicamento nos protocolos nacionais de tratamento”. (CASARÕES, MAGALHÃES, 2021)

Casarões e Magalhaes argumentam que o desespero pela compra do medicamento cuja eficácia já era extremamente questionável, se deu pela cloroquina ser usada como “uma ferramenta integral da performance do populismo médico no contexto da pandemia de COVID-19.”, ou seja, colocando “o povo” contra o “establishment” da classe científica e médica. Ainda, essa estratégia aliada a criação de uma rede “de alt-ciência que serve como uma plataforma para médicos, lobistas, empresários e líderes religiosos que estão - ou se tornaram - ligados a movimentos de extrema-direita em todo o mundo” que contribuiu para o aumento ou manutenção da popularidade de líderes populistas em todo o mundo. (CASARÕES, MAGALHÃES, 2021)

Ou seja, “contrariando as expectativas, a promoção da hidroxicloroquina permitiu que líderes populistas de extrema-direita aumentassem - ou, pelo menos, mantivessem - sua popularidade em seus países.” E ainda auxiliou os “buscadores de verdades que avançam reivindicações científicas na interseção de evidências parciais, pseudociência e teorias da conspiração, muitas vezes impulsionado pela desconfiança em relação aos governos e à ciência mainstream”.

Na contramão o argumento de Calil compreende que a situação de descaso do governo Bolsonaro ainda que tenha sido estrategicamente planejada, tinha como foco principal atingir a imunidade coletiva rapidamente. A promoção da hidroxicloroquina, juntamente com a negação da gravidade da situação e a oposição ao isolamento social, foram elementos-chave dessa

estratégia. Os pronunciamentos do presidente não apenas propagaram desinformação, mas também “fortaleceram suas bases de apoio, prejudicando as políticas de contenção”.

Outras análises também destacam como a pandemia de COVID-19 sustentou o projeto ultra neoliberal do governo Bolsonaro. Desde o golpe de 2016 e as consequências que permitiram a ascensão desse projeto, criou-se um cenário político tumultuado que culminou na “exploração das estruturas de colonialismo, racismo e cis-hetero-patriarcado que degradam os indesejáveis e o Estado democrático de direito.” (ROSARIO, 2020) Inicialmente, com a nomeação de Paulo Guedes como ministro da economia e a aprovação de reformas neoliberais que se tornaram símbolo de uma clara inclinação favorável às elites econômicas, o governo de Bolsonaro revelou desde o início sua afinidade alinhada ao neoliberalismo. Enquanto muitos países adotavam medidas abrangentes para enfrentar a crise sanitária, Bolsonaro adotava uma postura minimizadora, entrando em conflito com governadores e demitindo seu ministro da saúde. Durante esse período, o presidente e membros de sua equipe emitiram declarações polêmicas, caracterizando uma postura negacionista e pouco eficaz diante da crise.

Rosário, (2020) destaca a indiferença em relação à vida das populações mais vulneráveis, coincidentemente aquelas que foram mais severamente prejudicadas pela pandemia. “O governo optou por editar medidas provisórias questionáveis, como o congelamento de salários de servidores públicos federais e em paralelo, injetava trilhões no sistema financeiro sem a devida garantia de contrapartidas sociais.”

Essa lógica, reflete o funcionamento ultra neoliberal do governo a época. Discursos recorrentes de "não parar a economia" permearam a retórica, evidenciando, para os autores, uma prioridade que ia em negação de medidas necessárias de proteção à saúde pública.

Os autores também analisam como as redes sociais e os grupos de WhatsApp “foram inundados com relatos vagos sobre supostos efeitos benéficos da hidroxicloroquina no tratamento de pacientes com COVID-19, o que gerou uma explosão na demanda pelo medicamento nas farmácias brasileiras (Oliva, 2019).” Além do tweet de Bolsonaro sobre a “possível cura” que fez as pesquisas por CQ e HCQ no Google disparar, e o “número de menções no Twitter crescendo exponencialmente” (CASARÕES, MAGALHÃES, 2021).

Calil também reconhece que as redes foram essenciais para propagar as ideias do ex-presidente, principalmente pelo “gabinete do ódio”. Ainda que extrema, o autor considera a estratégia de Bolsonaro como exitosa, mesmo que não mencione as motivações por trás da intenção deliberada do presidente de negar a pandemia.

Novamente o presidente teve êxito em manter-se fiel nas estratégias que beiravam o populismo, mas sempre iam de acordo com o lucro privado. “Bolsonaro embarcou em uma

jornada diária para convencer a opinião pública dos benefícios da HCQ, ao mesmo tempo em que criticava as medidas de distanciamento social implementadas por governadores estaduais e alguns prefeitos de grandes cidades.” (CASARÕES, MAGALHÃES, 2021). Os autores notam como Bolsonaro “anunciou” a cloroquina da marca Reuquinol, cujo dono “Renato Spallicci é um ardente apoiador do governo”. Logo, em uma via de mão dupla, favorecendo a marca economicamente e ampliando o apoio do presidente mais uma vez Bolsonaro promove sua agenda ultraneoliberal. Além disso, o ex-presidente solicitou “a eliminação de impostos de importação sobre cloroquina, azitromicina e matérias-primas, e ordenou que o Laboratório do Exército fabricasse 1 milhão de doses de HCQ (Waltemberg & Valeda, 2020).” Favorecendo o lobby da indústria farmacêutica e, novamente se colocando como anti establishment em relação a “elite científica”.

Novamente, o projeto de governo ainda que mascarado como “apenas” uma questão ideológica, inclusive questionando a ciência, ou criando teorias xenofóbicas para justificar o vírus, se resumiu a uma lógica financeira.

“Bolsonaro sabia quantas pessoas poderiam morrer pelo Covid-19 e não se importou. O capitalismo financeiro também não se importa com isso porque o que interessa a seus representantes é a realização das reformas ultraliberais com as quais Bolsonaro se comprometeu. O projeto ultra neoliberal desta nova extrema-direita pelas reformas trabalhista, previdenciária, tributária, administrativa, a qualquer custo, é de saque.” (ROSARIO, 2020)

Por fim, diversos autores chegam a mesma análise ainda que por óticas diferentes. Seja por uma deliberada escolha de negar a pandemia, interesse em um projeto neoliberal, ou até mesmo criando novos entendimentos de antiestablishment, Bolsonaro usou da ideologia, e de apoio das instituições privadas e de outros atores relevantes como ferramenta de lucro durante uma das maiores crises sanitárias da história. O ex-presidente encomendou pesquisas feitas por institutos privados como a Prevent Senior e o Instituto Mises Brasil para também defenderem a cloroquina como tendo resultados positivos, e que posteriormente se tornaram empresas de apoio do governo Bolsonaro. (CASARÕES, MAGALHÃES, 2021)

Como consequências dos impactos após todas essas transformações enfatizadas pela COVID-19, Pinheiro Machado nota como a precarização do trabalho e a falta de políticas de bem-estar resultarão nos próximos anos na emergência de novos políticos autoritários nas economias emergentes, incluindo o Brasil, que propagarão mensagens populistas e atingirão aqueles que aspiram uma vida melhor com as mesmas promessas do neoliberalismo.

6. CONCLUSÕES

O presente trabalho buscou, por meio de comparações bibliográficas de diversos autores, destacar a lacuna significativa na abordagem e compreensão dos movimentos e dos partidos de extrema direita na região da América Latina. Ainda que inúmeras análises são feitas a respeito das motivações, causas e consequências da extrema direita em um contexto global, poucas levam em conta características que não fazem parte do estabelecimento das democracias do Norte Global. Portanto, partiu-se da necessidade de uma análise minuciosa das particularidades internas e dos aspectos específicos da ascensão da extrema direita na região, compreendendo seu funcionamento e analisando, em especial, as ações do governo Bolsonaro na pandemia de 2020.

A América Latina, desde sua “invenção” como menos desenvolvida, tornou-se um local de não pertencimento com a imposição de uma identidade de subjugada. Ao longo de sua história enfrentou diferentes desafios em relação a sua política e sua conjuntura socioeconômica que inevitavelmente moldaram essa trajetória. Dessa forma, sua busca pela superação da pobreza e simultânea liberalização de seus mercados resultou em políticas que entravam em conflito com o Norte Global. Atualmente, as democracias latino-americanas ainda são descartadas como exemplos de análise, e limitadas como fracas e instáveis, sendo encaixada muitas vezes em interpretações homogêneas que ignoram suas nuances.

Quando se analisa a extrema direita na América Latina, as lacunas nas análises tornam ainda mais difícil o mapeamento e nitidez no funcionamento dos movimentos. Dessa forma, torna-se claro que existe uma necessidade de uma quantidade maior de literaturas específicas direcionadas com óticas que não se limitem a uma só perspectiva e nem perpetuem estereótipos que, por sua vez, afetam a compreensão precisa da dinâmica política na região.

No Brasil, ainda que a discussão seja mais recente, as eleições de 2018 mostraram que ela é extremamente relevante e necessária não apenas para o entendimento da forma de operação dos movimentos, mas também para contê-los. O governo de Jair Bolsonaro não apenas mostrou-se ineficiente no caso apresentado, mas também representou uma intersecção de todas as questões específicas trazidas pelos autores que analisam a América Latina. Um líder que se comunicava com jargões populistas, dando voz ao legado da ditadura e que se colocava em uma posição abertamente alinhada a atores religiosos e submissa as vontades externas. A eleição de Bolsonaro mostra não apenas a insatisfação e o antipetismo dos brasileiros, ou uma mudança de valores entre os eleitores, mas sim um reforço das especificidades observadas pelos autores aqui colocados.

Bolsonaro demonstrou novamente com sua atuação na pandemia, as questões particulares e principalmente a lógica ultraneoliberal sujeita a interesses estrangeiros que ainda tem força massiva no Brasil e na América Latina. A crise na saúde em 2020 também pressionou esses moldes ainda mais. Como observa Coutinho (2010), o capitalismo age de maneira a se conservar em cenários críticos, mas ainda que muitos desvinculem a imagem e a ação de Bolsonaro durante a pandemia do restante de seu governo como uma forma de isentá-lo, nota-se que seus ataques as instituições democráticas, mau gerenciamento de todas as esferas políticas foi também um processo de ataque “sutil” à democracia.

Os movimentos e partidos ultradireitistas se tornam cada vez maiores e interligados, portanto dar atenção àqueles que nem sempre estavam no centro da discussão torna se não apenas imprescindível, mas inevitável. Ainda que essas análises sejam recentes, autores assim como Pinheiro-Machado Sanahuja e Burian, Casarões, Magalhães e Ibarra, selecionam individualmente especificidades relevantes da região, e contribuem para o entendimento dessa pluralidade existente nela. Dessa maneira, conclui-se, que os movimentos políticos na América Latina, ainda são submissos a sua história e passado regado por ditaduras e caminham sempre paralelamente ao neoliberalismo, principalmente por estarem sujeitos ao restante do Sistema Internacional. Para além, em casos mais pontuais como no Brasil, a religião também cumpre um enorme papel, e assim como no restante do mundo, líderes populistas também tem seu espaço nesse tipo de ascensão e movimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBERTAZZI, Daniele; BONANSINGA, Donatella. Beyond anger: the populist radical right on TikTok. *Journal of Contemporary European Studies*, 2023. DOI: 10.1080/14782804.2022.2163380.

AMYUNI, Álvaro Anis. **O terrorismo de extrema-direita como ameaça na agenda de segurança Ocidental no século XXI: articulação ideológica, estrutura transnacional e representações estatais do inimigo**. Dissertação Mestrado em Relações Internacionais - IPPRI, UNESP, UNICAMP, PUC-SP, 2023. <http://hdl.handle.net/11449/250184>

ANDRADE JÚNIOR, Kleber Bacellar de. **Neoliberalismo e Direitos Humanos: uma análise documental de discursos anti-imigração produzidos recentemente por políticos de extrema-direita no Brasil**. 2023. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/50185>.

BARBOSA, Tiago. A nova direita e a nova esquerda na Europa: uma breve revisão da literatura. In: **SOCIOLOGIA, ANTROPOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA: temas emergentes**, Editora CRV, 2022, p. 203-218. ISBN: 978-65-251-2763-7.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: UNESP, 2003. ISBN: 8571393567, 9788571393561.

CASARÕES, G.; MAGALHÃES, D.. The hydroxychloroquine alliance: how far-right leaders and alt-science preachers came together to promote a miracle drug. *Revista de Administração Pública*, v. 55, n. 1, p. 197–214, jan. 2021

DIAMINT, Rut. ¿Quién custodia a los custodios? Democracia y uso de la fuerza en América Latina. *Nueva Sociedad*, [Número 278], Novembro - Dezembro de 2018, ISSN: 0251-3552, 24-35.

DIBAI, P. C. A ascensão do radicalismo de direita no mundo: novos dilemas de um velho problema. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 25, n. 3, p. 728–743, 2020. DOI: 10.5433/2176-6665.2020v25n3p728. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/39432>. Acesso em: 17 nov. 2023.

EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew. **Nacional-populismo: A revolta contra a democracia liberal**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2020. ISBN: 655587094X, 9786555870947. 350 páginas.

EMPOLI, Giuliano Da. **Os engenheiros do caos**. Tradução de Arnaldo Bloch. 1. ed. São Paulo: Vestígio, 2019. Título original: Les ingénieurs du chaos. ISBN 978-85-54126-60-5.

IBARRA, David. O neoliberalismo na América Latina. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 31, n. 2 (122), p. 238-248, abril-junho/2011.

IBARRA, David. O neoliberalismo na América Latina. **Revista de Economia Política**, v. 31, p. 238-248, 2011. DOI: 10.1590/S0101-31572011000200004.

KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque**, Nova Fronteira, 2008.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as Democracias Morrem**. Tradução de Luís Oliveira. São Paulo: Editora Zahar, 2018.

MARTINS, Erikssonara Thalessa da Câmara. **O avanço do neoconservadorismo e a extrema-direita no Brasil: uma análise a partir da Campanha Eleitoral de 2018 ao Governo Bolsonaro**. 2022. 62f. Monografia (Graduação em Serviço Social) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

MLEJNKOVÁ, P. The Transnationalization of Ethno-nationalism: The Case of the Identitarian Movement. **Intersections. East European Journal of Society and Politics**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 136–149, 2021. DOI: 10.17356/ieejsp.v7i1.572. Disponível em: <https://intersections.tk.hu/index.php/intersections/article/view/572>. Acesso em: 28 out. 2023.

Moises, J. (2008). Cultura política: Instituições e democracia lições da experiência brasileira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 23(66), 11-43. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v23n66/02.pdf>

MOLINA, René; SARMIENTO, Renella. ASCENSO DE LA ULTRADERECHA EN LATINOAMÉRICA: ARGENTINA, BRASIL Y CHILE EN PERSPECTIVA COMPARADA. **Rev. redub.**, Bogotá, n. 31, p. 165-189, Dec. 2021. Disponível em

<http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S190944502021000200165&lng=en&nrm=iso>.

MOUNK, Yascha. [O povo contra a democracia: Por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la](#). Traduzido por Cássio de Arantes Leite, Débora Landsberg. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019. ISBN: 8554513363, 9788554513368. 432 páginas.

MUDDE, Cas; DIAS, Rodolfo Palazzo; SILVA, Rodrigo Orlando. [A DIREITA RADICAL POPULISTA: UMA NORMALIDADE PATOLÓGICA](#), Afilições: University of Georgia, Athens, EUA; UFRJ; UFSC. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2019.e81320>.

MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristobal Rovira. [Populismo - Uma Breve Introdução](#). Lisboa: GRADIVA, 2017. ISBN: 9896167532, 9789896167530. 160 páginas.

MUDDE, Cas. [A extrema direita hoje](#), EDUERJ, 2019, ISBN Digital: 9788575115343.

MUDDE, Cas. [Populist Radical Right Parties in Europe](#), Cambridge University Press, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511492037>.

NETO, R. M.; DAMASCENO, R. P. C. . Uma nação sob risco (de aprender): análise do pensamento neoconservador sobre a educação e a experiência no governo Ronald Reagan (1981-1989). [Práxis Educativa](#), [S. l.], v. 15, p. 1–25, 2020. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.15.16084.072. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16084>. Acesso em: 2 nov. 2023.

OUALALOU, Lamia. Los evangélicos y el hermano Bolsonaro. [Nueva Sociedad](#), Buenos Aires, n. 280, p. 45-60, março-abril de 2019. ISSN: 0251-3552. Disponível em: www.nuso.org.

PARZIANELLO, Geder Luis. O governo Bolsonaro e o populismo contemporâneo: um antagonismo em tela e as contradições de suas proximidades. [Aurora - Revista de Arte, Mídia e Política](#), São Paulo, v. 12, n. 36, p. 45-60, 2020. DOI: https://doi.org/10.23925/v12n36_dossie3.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; VARGAS-MAIA, Tatiana. [The Rise of the Radical Right in the Global South](#). 1. ed. Routledge, 2023. ISBN: 9781000885842.

ROSÁRIO, L. A Necropolítica Genocida de Bolsonaro em tempos de Pandemia e o Projeto Ultra-Neoliberal. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade**, [S. l.], p. 28–49, 2020. DOI: 10.18764/2447-6498.v6n2p28-49. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/15815>. Acesso em: 27 nov. 2023.

RYDGREN, Jens (ed.). **The Oxford Handbook of the Radical Right**. Oxford Handbooks, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780190274559.001.0001>.

SANAHUJA, J. A.; LÓPEZ BURIAN, C. Internacionalismo reaccionario y nuevas derechas neopatriotas latinoamericanas frente al orden internacional liberal. **Conjuntura Austral**, [S. l.], v. 11, n. 55, p. 22–34, 2020. DOI: 10.22456/2178-8839.106956. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/106956>. Acesso em: 7 nov. 2023.

SANTOS, V. N.; GONÇALVES, M. DA C. V.; SILVA, N. L.. Desenvolvimento de pesquisas no Nordeste e a importância das Fundações de Amparo (2014-2016). **Serviço Social & Sociedade**, n. 139, p. 561–572, set. 2020.

SEMAN, Pablo Federico. ¿Quiénes son? ¿Por qué crecen? ¿En qué creen? Pentecostalismo y política en América Latina. **Nueva Sociedad**, Buenos Aires, n. 280, p. XX-YY, março-abril de 2019. ISSN: 0251-3552. Disponível em: www.nuso.org.

SILVA, I. M. O governo Bolsonaro, a crise política e as narrativas sobre a pandemia. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [S. l.], v. 5, n. 16, p. 1478–1488, 2020. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2020.v5.n16.p1478-1488. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/9227>. Acesso em: 9 nov. 2023.

WEBER, Wiebke. **Behind Left and Right: The Meaning of Left-Right Orientation in Europe**. 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10803/107624B.6751-2013>.